

Lumbigo°



Manuel Solano, Jacuzzi, 2021. Jacuzzi, 2021 @ Kunsthalle Lissabon, Lisboa © Bruno Lopes

Manuel Solano, Sala de

ARTE & CULTURA

Jacuzzi, de Manuel Solano, na Kunsthalle Lissabon

por José Pardal Pina

O olho é o órgão que dita, comanda e faz síntese. O olho monopoliza, e a informação que capta precede a de todos os outros sentidos. Numa era marcadamente visual, em que a imagem tem uma ontologia que se confunde com a da civilização moderna, o olho, o olhar, a visão impera na jurisprudência, experiência e percepção do mundo – i.e., da vida no mundo –, mediando, computando, avaliando, construindo e desconstruindo, sempre, e ainda que latentes, imagens e mais e mais imagens. A memória de artista é maioritariamente visual; o seu entendimento da prática também.

Que sucede quando o órgão maior que é a visão falha é artista, quando o mundo que é artista dava por adquirido mais não é que um véu muito opaco que veda o olhar e obriga a um reentendimento e ressignificação da sua posição no mundo e da natureza da sua prática artística, agora incapaz de processar através do olho, medir através do olho, perceber, avaliar e sintetizar a

sua experiência estética do trabalho que produziu. É uma cesura existencial, dramática, que obriga ao desenvolvimento de novas capacidades que se erguem por detrás desse instrumento-consciência defunto.

Já não será o olho a comandar a mão, a guiar o gesto; já não será a visão a inferir o resultado desse gesto, a calibrá-lo, a retocá-lo. Agora é o corpo todo que comanda, nas suas valências e insuficiências, compreendendo que essa insuficiência não é, de todo, fatal, não representa uma deficiência, representa sim, e sobretudo, uma diversidade funcional, plena de potencial construtivo.

Em 2014 é artista mexicano Manuel Solano (1987) perdeu a visão depois de uma infecção derivada do VIH. Essa perda ditou dois momentos no seu corpo artístico, como seria de esperar. Antes, Solano experimentara a fotografia, a composição digital, a instalação, a escultura com detalhes minuciosos, o vídeo. Todas as ferramentas com potencial imagético estavam à sua disposição, sem limites, abertas ao experimentalismo tentacular e multidisciplinar da arte contemporânea. A cegueira precipitou uma mudança imperiosa no modo como trabalhava.

O tato e o arquivo de imagens que guarda quando a luz era total e as cores brilhavam de um lado ao outro do espectro e das formas guiam e constroem agora as suas pinturas. A “abordagem ‘háptica’”, feita com a perscrutação dos dedos, linhas e alfinetes para as geometrias mais precisas e o auxílio eventual de um colaborador têm permitido a Solano um exercício, não obstante as limitações inerentes, tão grande como a vida, tão imenso e complexo como a memória. Nesta perspectiva, é artista não trabalha sobre a cegueira e o trauma, trabalha, sim, sobre a memória e as suas possibilidades criativas depois do trauma.

As obras expostas em *Jacuzzi*, na Kunsthalle Lissabon, resplandecem de cores saturadas, sem que a sua construção seja escamoteada. São maioritariamente representações de espaços amplos, vazios, mas com vestígios de ocupação. Não há corpos, apenas a melancolia da sua passagem. E a melancolia de nunca ter experienciado esses mesmos espaços. São emulações de desejos, na expectativa de construir em si, no glossário arquivístico imagético da mente, da memória, a imagem que nunca viu, nem nunca verá. “Antes de cegar”, refere Solano, “eu era à melhor pintor que podia imaginar, certamente à melhor que pessoalmente conheci. Neste momento não tenho tanta certeza. O meu trabalho continua a ser, contudo, referencial e íntimo; queer e nostálgico; tonto e provocador; exuberante e cativante.” Em Solano, a arte é um lugar: de individuação, de autorreferenciação, de afirmação, de – *lato sensu* – recuperação. E é sobre ele, exclusivamente sobre ele – sem desculpas nem subterfúgios ou dissimulações.

A tela torna-se um enorme mapa, orientado pela mão e pela memória remanescente e reminiscente dos objetos e das imagens do passado. A natureza táltile do trabalho constrói no interior de artista um território mental tentativo, que é paulatinamente preenchido por tintas aplicadas com os dedos. A conta do Instagram de artista mostra despudoradamente o que se supunha a intimidade do processo criativo, tão revelador e hipnotizante no seu caso.

No limite, a obra de Manuel Solano relembraria o que Saramago veiculou em *Ensaio sobre a cegueira*: estão cegos apenas os que conseguem ver – cegos na sua arrogância funcional, cegos na delirante tentativa de comandar o mundo através de um só sentido, sem consciência para lá dele, sem alternativas significantes para lá dele.

A vida torna-se frágil uma vez subtraído ao corpo um instrumento. Mas toda outra vida, todo outro quotidiano renasce – humilde, ciente da necessidade cooperativa do outro e desperto para essa coisa tão esquecida enquanto adultos e que é a imaginação.

Jacuzzi by Manuel Solano, at Kunsthalle Lissabon

• José Pardal Pina

The eye is the organ that dictates, that commands and synthesizes. The eye monopolizes and the information captured by it precedes all the other senses. In a visual age, where the image carries an ontology that is intertwined with that of modern civilization, the eye, the gaze and vision are at the head of jurisprudence, experience and perception of the world – i.e., of life in the world –, mediating, computing, evaluating, constructing and deconstructing, always and, even if latent, an endless list of images. The artist's memory is above all visual; as is their understanding of the practice.

What happens when the major organ that is vision fails the artist when the world that the artist took for granted is only a rather opaque veil that covers the gaze and forces a re-understanding and re-signification of their position in the world and the nature of their artistic practice, now unable to process and measure through the eye, perceive, evaluate and synthesise their aesthetic experience of the work they produced. It is an existential, dramatic cut that forces the development of new abilities built behind that defunct instrument-consciousness.

It is no longer the eye that commands the hand, that guides the gesture; it is no longer the vision that infers the result of that gesture, calibrating and retouching it. Now it is the whole body that commands, in its abilities and insufficiencies, understanding that this such is not fatal, it does not represent a defect. It represents a functional diversity, filled with constructive potential.

In 2014, the Mexican artist Manuel Solano (1987) lost their sight after an HIV infection. This loss marked two moments in their artistic body, as one might expect. Previously, Solano had experimented with photography, digital composition, installation, sculpture in minute detail, and video. All the tools with image potential were at their disposal, without any limit, open to the tentacular and multidisciplinary experimentalism of contemporary art. Blindness caused a decisive change in the way they worked.

Touch and the archive of images, which they keep when the light was absolute and colours shone from one side of the spectrum and shapes to the other, now guide and construct their paintings. The “haptic approach”, through the scrutiny of fingers, lines and pins for the most precise geometries, plus the help of a collaborator, have allowed Solano an exercise as large as life, as immense and complex as memory, despite the limitations. Thus, the artist does not work on blindness and trauma, but rather on memory and its creative possibilities after trauma.

The works exhibited in *Jacuzzi*, at Kunsthalle Lissabon, are full of saturated colours, without their construction ever being obscured. They are, above all, representations of broad, empty spaces, but with traces of occupation. There are no bodies, only the melancholy of their passage. And the melancholy of never having experienced those spaces. They are emulations of desires, in the expectation of building in themselves, in the imagistic archival glossary of the mind, of memory, the image they have never seen, nor will ever see. “Before I went blind”, Solano says, “I was the best painter I could imagine, certainly the best I knew. Right now, I’m not so sure. My work remains referential and intimate; queer and nostalgic; giddy and provocative; exuberant and captivating.” In Solano, art is a place of individuation, self-referencing, affirmation, of – *lato sensu* – recovery. And it is about them, exclusively about them – without excuses, subterfuge, or dissimulation.

The canvas becomes a huge map, guided by the hand and the remaining and reminiscent memory of objects and images from the past. The tactile nature of the work builds within the artist a tentative mental territory, which is progressively filled by paints applied with the fingers. The artist’s Instagram account shamelessly shows what was possibly the intimacy of the creative process, so revealing and mesmerizing in their case.

In the limit, the work of Manuel Solano recalls what Saramago said in *Blindness*: only those who can see are blind – blind in their functional arrogance, blind in the delirious attempt to command the world through only one sense, without consciousness beyond it, without significant alternatives beyond it.

Life becomes fragile when the body loses an instrument. But, all other life, all other daily life is reborn – humble, aware of the cooperation of the other and awakened to the imagination, something so forgotten among adults.